

# A CONTRIBUIÇÃO DE L. J. LEBRET ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

JOSÉ ARTHUR RIOS

As grandes contribuições às Ciências Sociais decorreram de uma reflexão sobre o mundo e a problemática especial que desperta em cada pensador. As revoluções essenciais nesse terreno foram sempre provocadas por uma meditação crítica sobre a realidade circunstante. Assim em Comte, em Marx, como em todos os grandes criadores que modificariam o rumo e o sentido das Ciências Sociais em nosso tempo.

Para a elaboração de sua doutrina e do seu método conhecido pela sigla "Economia e Humanismo" também L. J. Lebreton partiu de uma reflexão apaixonada sobre os problemas humanos da nossa civilização.

Curiosa e rara a trajetória desse oficial de Marinha que, convertendo-se ao catolicismo, ingressou na Ordem Dominicana e antes da Segunda Guerra Mundial tornou-se capelão de pescadores. Foi esse primeiro contato com a miséria humana em escala coletiva que despertou nele não só as grandes reservas de caridade que Deus lhe dera, mas uma extraordinária aptidão especulativa. Ao contrário de tantas outras figuras da Igreja em nosso tempo, partiu para a ação depois de amadurecer o conhecimento da realidade que pretendia modificar. Em 1938 teve a idéia de fundar um Centro Internacional de Estudos sobre o Marxismo". Embora pretendesse com isso menos o estudo histórico ou teórico dessa doutrina, mas sua confrontação com a realidade humana, acabou renunciando ao projeto inicial para ampliá-lo ao mesmo tempo em outro centro de estudos que chamou de "Economia e Humanismo" deixando bem claro que não desvinculava especulação econômica e circunstância humana.

Em fevereiro de 1941, Lebret publicara com outros companheiros o manifesto de "Economia e Humanismo Centro de Estudos dos complexos sociais", documento que constituiu o primeiro número da revista, cuja capa barrada de verde, tornou-se mundialmente conhecida. As sessões de estudos, iniciadas em Marselha, em 1941, repetiram-se daí por diante nos mais diferentes lugares e sobre os mais variados temas todos essenciais ao mundo moderno. O resultado dessas reflexões foi-se integrando em obras devoradas por um público internacional. Sucederam-se as pesquisas, os estudos e os planos de desenvolvimento na França, na África, na América Latina, no Oriente Médio.

A visão ecumênica dos problemas internacionais não tardou a levar Lebret aos encontros sobre o desenvolvimento, às conferências e Congressos onde cientistas e técnicos se debruçavam sobre os grandes dilemas de nossa época. Em 1957 Lebret fundava a Associação Mundial da luta contra a fome. Sua participação no Concílio Ecumênico foi marcante.

Nenhum pesquisador pôde adquirir experiência igual à deste homem que, a partir de 1947, percorreu mais de 40 países não como simples turista mas como homem de ciências e de coração. Seu diário, enviado em forma de circular mimeografada a seus colaboradores, refletiu até o último momento as preocupações desse espírito debruçado permanentemente sobre a angústia das massas contemporâneas.

O ponto de vista da reflexão de Lebret é a miséria humana. Não como um mero dado do cotidiano mas no seu aspecto coletivo e universal. Para Lebret o escândalo não é apenas a miséria mas o fato de só recentemente ter chegado à consciência dos responsáveis pelos problemas nacionais e internacionais. A miséria é uma resultante da disritmia entre o crescimento da população e a produção de alimentos. A presença da miséria e o seu crescimento quantitativo indicam por si só a impotência dos regimes econômicos, que não a levam em conta, mais ainda favorecem determinado tipo de estruturas que tendem a aumentá-la. A idéia de estrutura aparece assim como uma dominante do pensamento de Lebret condicionando as ações e situações em que mergulham as massas contemporâneas. Esta parece ter sido a grande influência do marxismo em seu pensamento. O mercado não é uma mera soma de vontades individuais, mas o resultado de condicionamentos estruturais radicados na história das sociedades modernas. Ante esse quadro, as Ciências Sociais se revelam extremamente ineficazes. Uma das razões é sua compartimentação. Cresceram e trabalharam isoladas sem nenhuma comunicação útil umas com as outras, olhando-se até, às vezes com hostilidade como se disputassem prestígios e poderes. Outro fato é a formação intelectualizante dos cientistas desaparecidos da necessidade de um contato direto com a realidade, deformados por uma educação acadêmica e pela prática exclusiva do método dedutivo.

Lebret sentiu a deficiência do método a partir da Economia. O economista, *virtuose* do método dedutivo, fechava os olhos sistemática-

mente à observação da realidade e do comportamento econômico. Frustrava-se com isso o objeto primordial da economia, seu dado básico que é o homem. Se a reflexão sócio-econômica parte do homem concreto e não de um ente de razão, o *homo os economicus* da economia liberal, a vinculação interdisciplinar das Ciências Sociais logo aparece como um imperativo. No entanto, ao contrário das Ciências físicas e naturais que proporcionaram o extraordinário desenvolvimento da técnica em nosso tempo, as Ciências Sociais se confinaram numa especulação teórica. Reintegrar a economia numa visão concreta do homem e do mundo foi, no plano especulativo, o que apareceu a Lebrete como primeira missão. No dizer de um colaborador, a economia percorreu três etapas: a primeira de subordinação à moral e à política, desde a Antiguidade até à Idade Média; a segunda de independência em que ela própria ditou seus fins e suas leis. A terceira, contemporânea, em que passou a dominar a vida e o homem.

A crítica da Economia é, portanto, a crítica dos regimes econômicos atuais. Antes de abordá-la, porém, convém notar que a análise do ser humano concreto, ponto de partida para a visão interdisciplinar e para toda a formulação metodológica posterior baseia-se, para Lebrete, numa equação necessidade-recursos. A necessidade em seu aspecto de carência é o ponto principal, e ao mesmo tempo, o escolha das doutrinas econômicas e das teorias sociais. Ao abordar o estudo da Economia através do mercado, da moeda ou do crédito, o economista se coloca num plano de generalização que lhe permite teorizar facilmente sem, no entanto, analisar devidamente esses conceitos básicos ou confrontá-los com uma realidade primária. Desde o momento em que abandona a observação e a indução, nunca reflete seu raciocínio fielmente a necessidade ou pelo menos não exprime a defasagem entre as necessidades reais e as necessidades solúveis, hiato contingente à própria condição humana. Todo o mecanismo de oferta e procura em que baseia suas leis torna-se de imediato viciado, como o regime que nele se apóia porque favorece unicamente a classe que possui os recursos e não a que sofre as necessidades.

O conceito de necessidade torna-se, portanto, primordial. Cabe aqui, mais do que nunca, uma distinção familiar aos discípulos de Lebrete. De Colin Clark colheu a distinção entre as necessidades primárias, secundárias e terciárias. Nem todas se colocam num mesmo plano. Na base da pirâmide humana preponderam as necessidades primárias e estas na sua raiz representam carências, sofrimento físico e seu desatendimento ou despercebimento acarretam mutilações essenciais na criatura humana. Não se equiparam, portanto, às necessidades secundárias, cujas privações implicam apenas desconforto ou às terciárias que implicam luxo e o atendimento de prestígios sociais correspondendo, grosso modo, àquilo que Weber chamou consumo ostensivo.

Nessa perspectiva, o objeto das Ciências Sociais e não apenas da Economia é o homem como sujeito de necessidades que visa uma vida mais alta, e é impulsionado não só a suprir carências mas a satisfazer

uma gama muito complexa de aspirações. De fato, para Lebret "necessidade é tudo que realiza a expansão do homem em todos os domínios da vida". Não são apenas as necessidades econômicas mas sociais, morais e espirituais, tudo enfim que realiza o florescimento da pessoa na comunidade, desta na região e no país, dêste no côro universal das nações.

A visão concreta da necessidade nos ensina ainda que é condicionada por um desenvolvimento histórico e cultural, pela maturidade de um povo em termos de civilização e o que desdobra o problema do desenvolvimento sócio-econômico num outro muito mais amplo de hierarquia de valores. A escala das necessidades abrange os imperativos do consumo pessoal e familiar, do consumo coletivo ou de equipamento público, a chamada infra-estrutura e ainda a de meios de produção, mas essas necessidades tanto podem ser materiais como intelectuais, morais e espirituais. O homem concreto necessita de ferramentas para o ganhar-pão, precisa capacitar-se pela instrução, é animado por motivações de solidariedade, de lealdade e confiança e aspira a um nível de realização altruística e de fé religiosa.

É fácil de compreender, portanto, que esta visão básica das necessidades levaria Lebret a uma integração das Ciências Sociais num método interdisciplinar. No seu pensamento a Economia humana era ambas as coisas. Em primeiro lugar como movimento de idéias representou uma tentativa para colocar o homem no centro da perspectiva das Ciências Sociais dando-lhes uma chave de cúpula. Lebret reagiu fortemente contra a pretensa autonomia dessas disciplinas e no caso específico da economia pretendeu colocar o homem na origem dos processos econômicos de produção e consumo, o que resultava em reincorporar a economia numa reflexão humana concreta. Essa preocupação êle a generalizava a tôdas as outras Ciências Sociais que passou a dominar por necessidade, tornando-se, por isso, o primeiro tipo, e talvez o mais acabado, de cientista social em nosso tempo inaugurando por aí um nôvo humanismo. Alguém, formulando em termos escolásticos, essa doutrina, disse que o objeto material de Economia e Humanismo seria constituído por tôdas as Ciências Sociais, por tôdas as pesquisas que se relacionam à vida social, o objeto formal seria a perspectiva humana em que essas Ciências se colocam, que as coordena numa síntese, ela própria marcada pelo caráter de Ciência à parte.

Não é aqui o lugar de discutir a viabilidade de uma Ciência Social, meta e síntese das ciências sociais particulares. Como outros precursores, Lebret via na sua teoria essa Ciência síntese enfeixando num vasto quadro tôdas as Ciências Sociais classificadas em (a) descritivas como a estatística, a demografia, certos ramos da Geografia, da Sociologia e da Economia, (b) interpretativas (a teoria econômica, a teoria sociológica, a análise demográfica), (c) normativas e políticas (urbanismo, e reurbanismo, geonomia ou directa, a política econômica) que por sua vez resultavam em (d) ciências práticas e técnicas de ação.

Todavia, para Lebret, o objeto da Economia humana não era apenas uma mera síntese das Ciências Sociais mas precisamente uma superação dessas Ciências, uma tentativa de atingir o seu objeto próprio que é o homem. Esse estudo não é especulativo porque visa uma transformação de estrutura e uma promoção coletiva. Complementando o estudo das necessidades com a análise dos recursos e possibilidades a Economia humana vem reunir-se a outras ciências e técnicas do nosso tempo, como a Geonomia, a Ekística de Doxiades, a Urbanística Prospectiva, criação do grupo inspirado por Gaston Berger, disciplinas de pensamento e de ação que buscam a promoção humana da pessoa e da comunidade levando em conta as características especiais de cada uma.

Já se disse que o método de Lebret muito deve a Le Play. Respondendo certa vez em Atibaia, num encontro de Economia e Humanismo a uma pergunta Lebret teve a ocasião de repelir essa identificação. Pensava certamente em termos de doutrina social. Na realidade, nada mais distante do autoritarismo tradicionalista do engenheiro de minas francês que a abertura humana e universal desse homem do mar. No entanto é indiscutível uma preocupação comum a ambos, resultante do ângulo empírico que ambos utilizaram na análise da realidade social. Le Play utilizou o método monográfico e para isso elaborou minucioso roteiro de pesquisa. Da mesma forma, Lebret preocupou-se em descer a minúcias de formulários e questionários, distinguiu-se pela engenhosidade dos gráficos e diagramas, preocupado com os aspectos operacionais da pesquisa que quase todos os grandes pensadores sociais ignoraram ou desprezaram. Como Le Play, preocupou-se ainda em organizar uma nomenclatura minuciosa e, portanto, tem razão Cuvillier em afirmar quanto ao método de pesquisa, "que o espírito de Le Play sobrevive no grupo Economia e Humanismo que elaborou um método de pesquisa original e muito concreto".

Enquanto o objeto da Economia Humana abarca todo o campo da cultura, desde a técnica até o aperfeiçoamento espiritual, o método de análise é bastante preciso. Funda-se na indução, método preconizado por todos os inovadores da ciência. Consiste no estudo do concreto, pedra angular da análise sociológica. Adversário intransigente do moralismo social, Lebret insistiu sempre na necessidade de partir do fato humano concreto e não do apriorismo dedutivo, procedimento metafísico por excelência.

Para Lebret a indução abrange três significados. Primeiro, no seu sentido mais estrito, significa o processo científico pelo qual se passa do particular ao geral, do fato à teoria, do dado empírico à lei. É a marcha natural de todas as Ciências Naturais e Humanas. Além disso a indução representa uma passagem do mais simples ao mais complexo da comunidade aos grandes complexos regionais, das necessidades mais simples às mais requintadas, das motivações individuais aos grandes conjuntos coletivos. Em terceiro lugar a indução, no sentido em que a usa a Economia Humana, significa a consideração primordial dos elementos

mais simples, materiais e inferiores e sua repercussão nos elementos mais complexos da cultura. Nesse sentido a Economia Humana assimilou muito do marxismo esclarecendo, no entanto, que a relação entre supra e infra-estrutura é uma relação de influência e não antológica como querem os seguidores de Marx. Daí a ênfase no nível econômico e nas necessidades essenciais, alimentação, casa, vestuário, saúde.

Pesquisar, portanto, para Economia e Humanismo é analisar o dado humano concreto e não especular sobre abstrações. Dos estudos monográficos e estatísticos a pesquisa passa à interpretação dos grandes conjuntos. Enquanto Le Play, na aplicação do método monográfico, partia da família para a sociedade, a Economia Humana parte da comunidade territorial e da comunidade profissional, das chamadas unidades de base para os grandes complexos políticos, econômicos e sociais.

O índice do Guia do Pesquisador nos dá uma idéia das principais categorias dessa realidade. No interior das unidades territoriais e profissionais abrangem: (1) a análise das pessoas e das famílias para descobrir seu grau de sucesso ou fracasso de um ponto de vista humano; (2) a análise dos quadros imediatos da vida humana (habitação, orçamento, estabelecimento ou exploração em camadas ou classe social); (3) a análise dos movimentos demográficos, evolução profissional, movimentos econômicos, ideológicos e políticos; (4) a análise dos equipamentos coletivos (transporte, saúde, cultura física e esportes, cultural, espiritual, administrativo, etc.).

A classificação das pessoas ou grupos pesquisados não é, entretanto, puramente empírica porque se refere a valores de promoção e ascensão humana. O nível de vida refere-se a camadas constituídas pela possibilidade ou incapacidade revelada pelo indivíduo ou pela família de manter-se: (a) abaixo das necessidades essenciais; (b) ao nível dessas necessidades; (c) um pouco acima; (d) bem acima; (e) dispondo de todas as facilidades de promoção. A identificação dessas camadas, portanto, não é apriorística, variando com o meio em que trabalha o pesquisador.

Uma das inovações da Economia Humana é precisamente permitir uma classificação que nada tem de comum com as classificações da Ciência Natural mas que se refere sempre ao grau ou nível de sucesso (num sentido humano amplo) e permite, portanto, uma avaliação humana das necessidades e possibilidades do indivíduo ou do grupo. Celebrizou-se o método exatamente por essa avaliação expressa em cotas e por sua vez traduzida em gráficos que permitem ao analista experimentado uma visão rápida e global do grau de atrofia ou, ao contrário, da dinâmica do grupo na sua marcha de promoção humana.

Esse aspecto mereceu críticas dos adeptos de uma ciência social ainda imbuída de positivismo que se negam a admitir a ilusão do puro empirismo. Contra essa ciência, a Economia Humana pretende ser um

tipo de ação. Nela o conhecimento se volta para a praxes. Suas descrições ou modelos da realidade visam a transformá-la. Esse é seu objetivo explícito, confessado. O sentido da ação não aparece por transparência no método da Economia Humana como se fôsse um contrabando, mas é seu propósito aberto e deliberado. O método de pesquisa leva ainda em conta as limitações do pesquisador e a natureza humana do objeto. A visão do homem é primeiro global, estrutural, depois minuciosa, analítica. Por isso a pesquisa de Economia Humana começa sempre pelo "contato global", por uma abertura total do pesquisador, às percepções e impressões da realidade circunstante, sem nenhuma preocupação sistemática. Somente depois vem a análise estatística, a elaboração dos instrumentos de trabalho e finalmente a síntese e a interpretação na qual se recomenda o trabalho em equipe.

Talvez sob a influência, não só de Marx mas, menos confessada, de Bergson, Le Bret corajosamente elevou a ação à categoria de método de conhecimento. Com isso abriu infinitas possibilidades rompendo a tendência ao hermetismo, ameaça constante às Ciências Sociais em nosso tempo e desfez o equívoco entre as Ciências Sociais e o Cristianismo, tornando-as permeáveis às mais altas expressões da caridade. "A realidade viva e padecente tal é o fim da pesquisa mas esta deve ser acompanhada do "ato de misericórdia" como se define a própria Economia Humana." Entre Sociologia e Ação Social a distância é de natureza especulativa. Na prática, para mútuo benefício, ambas se confundem. Para Le Bret a Sociologia é militante e representa um comprometimento, é *science engagée*.

Haverá certamente quem veja nesta posição um certo pragmatismo, sobretudo numa fase em que as Ciências Sociais se deixam absorver por infundáveis e às vezes estéreis discussões metodológicas. Do ponto de vista das realidades do nosso tempo, das suas necessidades de promoção humana essa posição é extremamente fecunda.

Domina todo esse pensamento uma noção fundamental que é a de servir. Servir ao bem comum, servir a promoção das massas oprimidas, servir aqueles que vivem na geena da miséria. Foi esse ideal tão ligado ao cristianismo na sua mais pura acepção que Le Bret representou numa admirável coerência como pensador, pesquisador e apóstolo social e essa certamente será a imagem que dele ficará na mente e no coração daqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo e amá-lo.